

«Uma história
extraordinária,
bem escrita,
que arrepia e emociona.»

PHILIPPE SANDS,
autor de *Estrada Leste-Oeste*

AS NOVE

A história real de um grupo de mulheres
que sobreviveu ao pior da Alemanha nazi

GWEN STRAUSS

MOAIS

*«Ce que nous avons partagé
Dans la peur, le froid, la faim, l'espoir.
L'épreuve, tant physique que psychique
Ne se répète pas, même pour nous.
Elle se limite au monde de jamais plus.
Ce que nous avons enduré ensemble
Est à nous, à cette vie, de ces instants,
Comme une transmutation de l'une, à l'autre,
dans une autre vie.»*

«Aquilo que partilhámos
Com medo, frio, fome, esperança.
O tormento, tanto físico quanto mental
Não pode ser repetido, mesmo para nós.
Está limitado ao mundo do nunca mais.
Aquilo que suportámos juntas
É nosso, essa vida, esses momentos,
Como uma transmutação de uma para outra,
noutra vida.»

NICOLE CLARENCE, UMA DAS NOVE

ÍNDICE

As Nove	9
Mapa da rota de fuga	11
Capítulo 1: Hélène	13
Capítulo 2: Zaza	45
Capítulo 3: Nicole	95
Capítulo 4: Lon e Guigui	137
Capítulo 5: Zinka	169
Capítulo 6: Joséé	201
Capítulo 7: Jacky	219
Capítulo 8: Mena	241
Capítulo 9: O dia mais longo	275
Capítulo 10: Regresso à vida	293
Capítulo 11: Encontrando o caminho de volta a casa	319
Capítulo 12: É apenas um «até à vista»	345
Nota para os leitores	387
Agradecimentos	393
Lista de imagens	399
Notas	401
Bibliografia	411

AS NOVE

Hélène Podliasky Era minha tia-avó, conhecida pelas outras oito como «Christine». Tinha 24 anos quando foi presa enquanto trabalhava para a Resistência, no Nordeste de França. Era uma engenheira brilhante e falava cinco línguas. Foi considerada a líder durante a fuga.

Suzanne Maudet (Zaza) Era amiga de liceu de Hélène. Tinha 22 anos quando foi presa enquanto trabalhava com o Auberge de Jeunesse, em Paris. Recém-casada com René Maudet, considerava-se a escriba do grupo. Escreveu um livro otimista sobre a fuga imediatamente depois da guerra, tendo este sido publicado em 2004.

Nicole Clarence Ocupava uma posição importante na Resistência. Tinha 22 anos quando foi presa em Paris, um dia depois do seu aniversário. Foi uma dos «57 mil», o nome dado ao famoso último transporte de prisioneiros deportados de Paris em agosto de 1944, dias antes de a cidade ser libertada.

Madelon Verstijnen (Lon) Era uma das duas holandesas do grupo. Tinha 27 anos quando foi presa, depois de ter ido para Paris para se juntar ao irmão na rede de Resistência holandesa. Lon e Hélène eram as que melhor falavam alemão no grupo, além de batedoras avançadas. Teimosa e corajosa, Lon escreveu o seu relato da fuga em 1991.

Guillemette Daendels (Guigui) Era amiga de Lon, da Holanda. Tinha 23 anos quando foi presa com Lon, um dia depois de

chegarem juntas a Paris. Era serena, a diplomata do grupo. Tornou-se amiga chegada de Mena.

Henée Le Lion Cotenay (Zinka) Era a mais corajosa do grupo. Tinha 29 anos quando foi presa, depois de se dirigir a uma prisão em busca do marido. Foi eu à luz numa prisão francesa. Fazia parte da rede Comète, ajudando soldados aliados cujos aviões haviam sido abatidos e que estavam retidos em França, a fugir para Espanha.

Joséphine Jordana (Josée) Era espanhola e a mais jovem das nove. Tinha 20 anos quando foi presa em Marselha. Foi criada em instituições de acolhimento no Sul de França. Trabalhava com a rede Marcel, entregando encomendas de assistência a crianças judias escondidas e a famílias de membros da Resistência. Era conhecida por ter uma voz bonita e por cantar bem.

Macqueline Auéry du Bouley (Macky) Era uma viúva de guerra teve difteria durante a fuga. Tinha 29 anos quando foi presa em Paris. Trabalhava na rede Brutus. Era forte, dizia o que pensava e tinha tendência para dizer palavras pitorescos. Juntamente com Nicole, foi uma dos «57 mil» no último transporte de Paris, em agosto de 1944.

Monne Le Guillou (Mena) Trabalhava com as redes da Resistência holandesa em Paris. Tinha 22 anos quando foi presa. Era coquete, encantadora e extravagante, apaixonando-se com frequência. Era uma rapariga da classe trabalhadora de Paris, com família oriunda da Bretanha.



Mapa da rota de fuga e mapa da Europa

CAPÍTULO 1

— O MUNDO —



Hélène Modliasky

Uma mulher saiu da fila e correu para o campo ondulante de flores de colza amarelo-vivas. Arrancou as flores dos caules com ambas as mãos, enchendo a boca com elas. Embora estivessem exaustas e aturdidas, todas repararam, e a ação da mulher provocou um pânico elétrico entre as filas de mulheres. Boquiaberta, Hélène esperou pelo som de disparos que certamente se seguiriam. Não podia ser de metralhadora, a dizimar uma secção inteira — qualquer secção, talvez a delas. Os guardas também podiam fazer o seguinte: disparar indiscriminadamente para as filas, para lhes ensinar uma lição. Mas nada aconteceu. A única coisa que Hélène ouviu foi o martelar contínuo das socas de madeira de milhares de pés que marchavam.

Quando a mulher regressou a correr para a coluna, Hélène viu que tinha o rosto salpicado de amarelo — estava a sorrir.

Depois, outra mulher correu para o campo e apanhou o máximo de flores que conseguiu, usando os trapos do casaco esfarrapado para as conter. Quando voltou para a fila, as mulheres empurraram-se umas às outras para chegar a ela, agarrando as flores num frenesim e comendo-as.

Porque estavam a conseguir fazer isto

No dia anterior, uma mulher que estava apenas umas filas à frente de Hélène fora atingida na cabeça quando tentara apanhar uma maçã apodrecida.

Hélène olhou em volta. A coluna delas tinha demasiadas mulheres, mas havia buracos entre as filas e as secções, e não havia guardas à vista.

«Agora», murmurou Hélène para Jacky, num tom urgente, dando-lhe uma cotovelada.

«Mas combinámos esperar que escurecesse», sussurrou Jacky em resposta, num tom rouco e aterrorizado.

Hélène bateu no ombro de Zinka. «Olha», disse-lhe. «Não há guardas»

«*Ui*, estou a ver». Zinka anuiu e deu a mão a Zaza, dizendo «É a nossa melhor hipótese.»

Chegaram a uma curva na estrada. Uma estrada de terra batida cruzava-se com a delas, paralelamente a uma vala funda. Hélène sabia que era o momento certo. Tinham de ir em duas filas, todas juntas, para que não dessem por elas. Zinka, Zaza, Lon, Mena e Guigui, que estavam na fila à frente dela, deslizaram para fora da formação, e depois Hélène pulou Jacky, Nicole e Josée. Uma quinta mulher, que se juntara à fila delas, hesitou, dizendo que estava demasiado cansada.

«Então, esquece-te», sibilou Hélène, pulando as amigas. «Rápido»

Ao todo, eram nove mulheres. De mãos dadas, saíram lateralmente da coluna e saltaram para dentro da vala, uma após outra. Caíram deitadas, coladas ao chão, na parte mais funda, onde

a terra estava húmida. Hélène sentiu o coração bater contra as costelas. Estava com tanta sede que tentou experimentar lambe-la lama. Não conseguiu obrigá-la a erguer os olhos para ver se estavam prestes a ser descobertas, para ver se morreria com um tiro numa vala, enquanto lambia a terra. Em vez disso, olhou para Lon, que estava a olhar para a estrada.

«O que vêes», murmurou Hélène. «Conseguem ver-nos?»

«Só vejo pés.» Lon continuou a observar as filas intermináveis de mulheres que se arrastavam, metade delas descalça, outra metade com socas de madeira. Todos os pés descalços e enlameados estavam vermelhos e a sangrar.

Lon tranquilizou Hélène, dizendo-lhe que estavam fora de vista. E qualquer maneira, as caminhantes haviam passado por tantos mortos pelo caminho que era provável que este aglomerado de mulheres no fundo de uma vala se assemelhasse a outra pilha de cadáveres.

Abraçadas umas às outras e com os corações a bater descompassadamente, esperaram que o som das socas a arrastar-se pelo chão esmorecesse. Quando a coluna já não estava à vista e não conseguiam ouvir o martelar rítmico dos pés, Lon disse: «Caminho livre.»

«Agora temos de avançar.» Hélène levantou-se e levou-as pela vala, na direção oposta. Não tardaram a ficar sem fôlego e tomadas de pura euforia. Treparam para fora da vala e deixaram-se cair no campo. Ficaram ali deitadas, a olhar para o céu, de mãos dadas, rindo-se histericamente.

Tinham conseguido. Tinham escapado.

Contudo, agora estavam no meio da Salmónia, sujeitas a cruzar-se com aldeões alemães assustados e hostis, com oficiais das SS, zangados e em fuga, com o exército russo e com bombardeiros aliados. Tinham esperança de que os americanos estivessem algures perto dali. Tinham de encontrar os americanos ou morrer a tentar fazê-lo.

A minha tia Hélène era jovem e bonita. Tinha uma testa alta e um sorriso rasgado. Exibia um cabelo preto asa de corvo e olhos escuros, com sobrancelhas espessas e sensuais. Parecia pequena e delicada, mas sentia-se que tinha uma força subjacente. Mesmo já idosa, quando a conheci, tinha uma postura régia e estava sempre elegantemente vestida, com as mãos impecavelmente arranjadas, irradiando inteligência. Nas fotografias de quando estava na casa dos 20 anos, parecia serena e inteligente. Era uma líder nata.

Em maio de 1943, juntou-se à Resistência, trabalhando para o Bureau des Opérations Aériennes (BOA) da região M. O BOA fora criado em abril desse ano para funcionar como elo entre as Forças Francesas do Interior e o nome usado por Charles de Gaulle para designar a Resistência e Inglaterra. O papel do BOA era garantir o transporte de agentes e mensagens e receber lançamentos de paraquedas com armamento. A região M, que era a maior das regiões abrangia a Normandia, a Bretanha e Anjou. Mesmo antes do desembarque na Normandia, gerir este território era essencial e perigoso. A Gestapo estava a ter sucesso na captura e assassinio de um número alarmante de líderes e membros da rede. Nos meses frenéticos que antecederam o Dia X, a região de Hélène era um foco de atividade, tanto para a Resistência como para as tentativas cada vez mais violentas e desesperadas da Gestapo no sentido de desmantelar as redes clandestinas.

Hélène tinha 23 anos quando se juntou à Resistência. Durante as férias dos estudos de Física e Matemática na Sorbonne, conseguiu um emprego importante como química numa empresa de lâmpadas. Contudo, à medida que as suas atividades na Resistência se tornaram mais importantes, Hélène deixou esse emprego a tempo inteiro para se dedicar à luta contra os nazis. Mentiu aos pais sobre o que fazia. O seu *nom de guerre* era

Ⓜ Gabinete das Operações Aéreas. ⓂV. ⓂX

«Christine», e é assim que consta dos registos nazis.¹ Seria sempre conhecida como Christine pelo grupo de mulheres que escaparam juntas. O comandante de Hélène, com nome de código «Jim», era Paul Schmidt. No início da guerra, Schmidt era o líder de uma tropa de elite da infantaria francesa de montanha. Em 1940, combateu na Noruega e o seu batalhão foi evacuado para Inglaterra, onde Schmidt recebeu tratamento de úlceras graves provocadas pelo frio. Depois de recuperar, juntou-se às forças francesas do Interior e regressou a França clandestinamente. Em março de 1943, foi encarregado de dirigir o BOA e criou uma série de «comités de receção» na região norte. Hélène foi uma de catorze agentes por ele recrutados, sendo responsável por encontrar terrenos adequados para lançamentos de paraquedas. Para cada lançamento, Hélène tinha de reunir uma equipa de Resistentes para estar a postos nos locais de aterragem. O trabalho por ela desenvolvido acabou por evoluir, incluindo a criação de ligações entre as diferentes redes da Resistência na região M. Para comunicar a Londres informações sobre a realidade no terreno, Hélène codificava e descodificava mensagens que eram transmitidas por rádio.

Hélène aguardava com expectativa as noites de lua cheia, quando os aviões podiam encontrar os locais de lançamento à noite. Três dias antes do lançamento, Hélène ouvia a rádio. Os códigos secretos eram transmitidos pela BBC, durante um programa especial de quinze minutos chamado «Les Français Parlent aux Français» «Os franceses falam aos franceses». Era frequente Hélène perguntar a si mesma o que pensariam os ouvintes comuns quando escutavam frases como «os chinelos de cabedal da Gene são demasiado grandes».

Hélène e a sua equipa estavam à espera nas sombras do bosque que rodeava o pequeno campo no seu local de receção preferido,

¹ No original, «les souliers de cuir d'Hélène sont trop grands». V. V.

em Semblançay, nos arredores de Tours. Ouviram o motor do avião aproximar-se. Hélène ligou e desligou a lanterna, transmitindo em código Morse a letra combinada para sinal. Para seu grande alívio, poucos momentos depois o avião acendeu as luzes intermitentemente.

«Agora», murmurou Hélène para a sua equipa, e, um por um, como dominós, estes acenderam as lanternas, delineando o perímetro da zona de receção. O pequeno avião descreveu alguns círculos. O coração de Hélène batia descompassadamente quando pensou na possibilidade de as pessoas da aldeia ouvirem o som do motor ou verem a seda branca dos paraquedas a brilhar ao luar enquanto desciam para a pista. Assim que as cápsulas tocaram o chão, a equipa correu para o campo para as recolher. Estavam cheias de armas pequenas, explosivos, um novo transmissor e novas folhas de código. E, para ajudar ao moral do grupo, os britânicos tinham incluído chocolates e cigarros.

Enquanto enchia os bolsos com cigarros e as mochilas com armas pequenas, a equipa ouviu o avião regressar e descrever mais um círculo, e estacou. Mais alguma coisa caiu do céu noturno. Hélène viu o perfil escuro de um homem a atuar num brilhante paraquedas de seda branca. Apressou-se a distribuir o conteúdo das restantes cápsulas pela equipa, ordenando-lhes que dispersassem em diferentes direções. Era melhor que se fossem embora antes de o paraquedista aterrar — quanto menos qualquer deles soubesse, melhor. Apenas dois homens ficaram para trás, para se livrarem das cápsulas vazias e enterrarem os paraquedas. Não pela primeira vez, Hélène desejou poder ficar com a bonita seda para fazer um vestido. Mas tinha ordens.

O homem misterioso libertou-se do arnis e acendeu um cigarro. Ficou parado de um lado do campo, observando Hélène dar ordens aos dois outros homens. Hélène também não o abordou. Antes de falarem, queria pôr os pensamentos em ordem. Além disso, esta parte da operação tinha de decorrer depressa. Tinham quinze

minutos para dispersar do local, na eventualidade de alguém ter visto os paraquedas ou ouvido o avião.

Por fim, Hélène aproximou-se do recém-chegado. O homem era alto e magro. Quando deu uma baforada no cigarro, a ponta brilhou, e Hélène conseguiu ver-lhe o rosto marcado e angular. Parecia divertido. «Não me disseram que ia receber carga viva», disse-lhe Hélène, mal contendo a fúria.

«Chamo-me Mantassin» respondeu o homem, estendendo-lhe a mão. Relutantemente, Hélène apertou-lha. «Éve ser a Christine» alaram-lhe de si».

«E porque não me falaram de si?» Não tenho nada preparado.» Quando estava assustada, Hélène tinha tendência para parecer zangada. «Mantassin» significava «soldado raso» em francês, e o nome de código fora murmurado nos círculos da Resistência. Era uma pessoa importante. Hélène estava contente por estar escuro, para que ele não a visse corar.

«Não queríamos arriscar que se soubesse que eu estava de volta a França. Os boches infiltraram-se nas nossas redes. Temos de ser muito cuidadosos».

Deu um cigarro a Hélène e acendeu-lho. Isto deu a Hélène algum tempo para pensar.

«Mas não sei para onde o levar», disse Hélène, suavizando a postura.

«Confiamos em si. Vou fazer consigo até conseguirmos estabelecer contacto.» Não lhe fez uma pergunta. Deu-lhe uma ordem. E parecia divertido por isso a fazer sentir-se desconfortável. *De a minha mãe soubesse...* pensou Hélène. A mãe dela frequentara uma escola em que os rapazes e as raparigas estavam rigorosamente separados e onde as freiras que as ensinavam diziam às raparigas para desviar o olhar quando passavam pelo edifício dos rapazes, para evitarem a tentação do pecado.

O apartamento de Hélène ficava a uma grande distância de bicicleta, noutra localidade afastada do local de aterragem. Mantassin

tinha uma pasta de cabedal preta que estivera presa ao seu pulso durante o salto, para não se perder. Nesse momento, entregou a pasta a Hélène e disse-lhe que iriam juntos na mesma bicicleta. Ela podia ir sentada atrás. Hélène agarrou a pasta com uma mão e, com a outra, agarrou-se a este estranho homem que pedalava noite dentro. Tentou não se agarrar a ele com muita força, mas sentiu o calor das suas costas. Não falaram, exceto quando Hélène lhe indicou que virasse aqui ou ali. Algumas vezes, ficou a parar a bicicleta e escondeu-se atrás de um muro ou de um arbusto, enquanto ela verificava se estavam a ser seguidos. Era uma rotina que Hélène aperfeiçoara ao longo do tempo, mas nessa noite foi especialmente cuidadosa.

A viagem longa na madrugada húmida ajudou a acalmar Hélène. Chegaram mesmo antes do nascer do sol. Estava exausta. A sua casa era pequena, tendo apenas uma sala com *litchenette* e um quarto minúsculo. Hélène decidira que daria a cama a Mantassin e que dormiria na sala. No entanto, quando chegaram ao pequeno apartamento, subitamente sentiu-se acanhada. Foi isso a si mesma que aquilo era o seu trabalho. Endireitou as costas e ficou muito hirta.

Mantassin pousou a pasta na mesa da cozinha e abriu-a. Estava cheia de dinheiro, mais dinheiro do que Hélène alguma vez vira. O homem levou a mão à pasta e deu-lhe algumas notas.

«Não», disse Hélène, sentindo-se corar, «não faço isto por dinheiro. Não por França, pela minha honra». O dia parecia indignada, mas estava assustada. Não queria que Mantassin pensasse que ela era aquele tipo de mulher.

«Não é só para si, é para a sua equipa. Para os homens que lá estavam ontem à noite.»

«Eles também o fazem por França.» Hélène disse aquilo quase sem pensar, coisa que raramente fazia.

«Para as famílias, então, para aquelas que já se sacrificaram», disse Mantassin.

Hélène anuiu, porque ele tinha razão. O orgulho e o desconforto que sentira haviam interferido com o seu raciocínio. Muitas pessoas estavam escondidas e não tinham acesso a senhas de racionamento — tinham fome. Este dinheiro ajudava-as. Precisava de se recompor. Respirou fundo.

«Eve estar cansada.» Mantassin falou num tom mais suave. «Que idade tem?»

Hélène disse: «He que fizera 24 anos umas semanas antes.

O homem sentou-se numa cadeira ao lado do sofá e acendeu um cigarro. Houve um longo silêncio.

«Gode ficar com o quarto», disse-lhe Hélène passado um bocado.

«Não, por favor, fico bem aqui», e apontou para o sofá.

Quando Hélène protestou, dizendo-lhe que era o superior hierárquico dela, Mantassin respondeu-lhe: «Sim, somos soldados, mas, por favor, deixe-me ser também um cavalheiro.»

O nome verdadeiro de Mantassin era Valentin Abeille. Era o diretor de toda a região M.² Os alemães tinham-lhe posto a cabeça a prémio por um valor muito elevado. Nesta fase da guerra, a Gestapo era implacável. Conseguira plantar alguns agentes duplos em células da Resistência. Estes grupos eram constituídos sobretudo por pessoas jovens e idealistas, que recebiam pouco ou nenhum treino e que eram incapazes de manter um controlo rigoroso ao nível da segurança. Alguns dos homens mais novos gabavam-se do que faziam para apanhar *les boches*, contavam a demasiadas pessoas, deixavam que os seguissem ou não cumpriam as regras de segurança básicas. A esperança média de tempo de uma pessoa na Resistência, até ser apanhada, era três a seis meses.

No fim, o mais provável é Mantassin ter sido traído pela sua secretária, em troca do prémio. Foi detido pela Gestapo e, quando iam a caminho do infame local de tortura da polícia política, na Rue des Saussaies, em Paris, Mantassin saltou do carro. Foi atingido várias vezes perto do Arco do Triunfo e morreu pouco tempo depois no hospital. Já dissera a Hélène, nos poucos dias que haviam

passado juntos, que não podia permitir-se ser apanhado com vida. Mostrou-lhe os comprimidos de cianeto que levava consigo. Disse-lhe que, quanto menos ela soubesse, melhor.

Enquanto trabalhou na Resistência, Hélène tinha mais liberdade do que uma mulher jovem teria normalmente em França nessa altura. No início da guerra, os pais e as irmãs mudaram-se para Grenoble, onde o pai geria uma fábrica. Os pais pensavam que Hélène ficara em Paris para continuar os estudos. Só mais tarde viriam a descobrir a verdade sobre as atividades da filha, quando foram contactados por alguém da rede.

Hélène recordava esses meses como emocionantes. Era uma mulher jovem e independente, a quem haviam confiado um papel importante e que era responsável por homens mais velhos. Havia vidas que dependiam dela. Havia momentos de grande adrenalina, muito diferentes de tudo o que vivera antes. Um desses momentos de choque ocorreu certo dia ao início da noite, quando Hélène chegou ao local de entrega designado e foi recebida por um grupo de *gendarmes* franceses. Certa de que haviam sido enviados para a prender, sentiu um pânico gelado percorrer-lhe as costas. Já tinha virado a bicicleta para se ir embora quando um dos *gendarmes* lhe gritou a senha. Hélène ficou imóvel, tentando perceber o que se passava. Se sabiam a senha, então deviam saber tudo. Sentiu uma onda de náusea misturada com uma sensação de alívio resignado. O jogo fora descoberto. Não fazia sentido fugir. Contudo, respondeu-lhe mecanicamente com a sua própria senha, e depois os homens aproximaram-se dela, pedindo-lhe as ordens.

Hélène demorou uns segundos a perceber que não estavam ali para a prender. Eram a sua equipa de receção. Aquilo que ela presumira ser o fim da linha para si era apenas outra estranha reviravolta. Toda uma caserna de *gendarmes* de uniforme aderira à Resistência em conjunto. Este incidente incentivara Hélène e dera-lhe uma sensação de invencibilidade.

No dia 4 de fevereiro de 1944, Hélène devia entregar uma mensagem ao general Marcel Allard, que comandava parte da região M. Quando chegou ao pequeno hotel da Bretanha onde se iam encontrar, viu o general sair a correr por uma porta, enquanto um grupo de cinco soldados alemães entrava por outra. Hélène ficou encurralada no meio. Os soldados prenderam-na simplesmente por estar ali e por estarem a deter todas as pessoas que se encontravam no átrio do hotel. A mensagem que Hélène transportava estava cosida no forro da sua carteira, e, milagrosamente, a Gestapo não a encontrou. Hélène afirmou que não conhecia Allard, o tal sujeito que procuravam. Como os soldados não tinham nada de que a acusar e ela tinha os documentos em ordem, fez o papel de rapariga dócil e de cabeça oca — um papel que já desempenhara anteriormente.

Ficou detida na prisão de Nantes durante alguns dias, mas um dos guardas garantiu-lhe que era apenas uma burocracia. Não tinha com que se preocupar — não tardava, seria autorizada a regressar a casa, para junto dos pais. Contudo, em vez de libertarem Hélène, transferiram-na para uma prisão em Rennes, onde a detiveram durante duas semanas. Ainda assim, não houve um interrogatório formal. A única pergunta que lhe fizeram foi porque estava no hotel naquele momento específico.

Depois, certo dia, dois guardas entraram na cela onde Hélène estava detida com outras vinte mulheres e chamaram o nome dela. Os homens algemaram-na e levaram-na para um automóvel preto que os esperava. Os guardas reagiram com uma raiva violenta e recusaram-se a responder às perguntas de Hélène e a falar com ela. Transportaram-na para a prisão de Angers, no vale do Loire, onde passou dois meses.

Cinquenta e oito anos depois, durante a nossa entrevista no seu apartamento, onde me permitiu registar a sua história, Hélène disse-me: «Angers permanece na minha memória como o símbolo do sofrimento.»

Foi nessa prisão que Hélène foi interrogada e torturada, por vezes ao ponto de ser levada de volta à cela numa maca. A pior tortura era *le supplice de la baignoire* ou afogamento simulado. Levavam-na para uma casa de banho normal, cuja banheira tinha sido cheia com água fria. Algemavam-lhe os braços atrás das costas. Obrigavam-na a ajoelhar-se no chão de ladrilhos ao lado da banheira. E depois, dois homens, cada um a empurrar um ombro, punham-lhe a cabeça debaixo de água. Mantinham-na submersa, enquanto ela se debatia para respirar. Hélène sentia as mãos deles a agarrá-la, um no pescoço e outro na nuca. Tentava manter a calma, mas, à medida que os pulmões imploravam por ar, era tomada pelo pânico. Sentia dores terríveis no peito e no pescoço e tinha a cabeça a latejar, enquanto a necessidade de ar aumentava. Debatia-se, mas era inútil. A água entrava-lhe na boca e sufocava-a.

Quando os homens sentiam que Hélène parava de se debater, tiravam-lhe a cabeça da água punhando-a pelos cabelos e recomençavam o interrogatório. Hélène vomitava sem parar. Era nestes momentos de dor extrema que sentia mais intensamente a presença do corpo, da sua existência corpórea. Era quase como se o seu corpo fosse seu inimigo, fazendo-a sofrer.

A Gestapo havia descoberto quem Hélène era, para que rede trabalhava e algumas das pessoas com quem colaborava. Sabiam que Mantassin ficara em casa dela. Interrogavam-na todos os dias, perguntando-lhe os nomes de outros agentes, as senhas, os centros de mensagens, os pontos de entrega, datas, horas. Hélène esforçava-se por não revelar nenhuma informação útil. Durante várias noites, molhada e com frio, com as mãos atadas atrás das costas e presa a um radiador, tentou imaginar histórias plausíveis, puras invenções que se enquadrassem no que os captosres já sabiam, mas que não traíssem ninguém.

Hélène foi pendurada pelos braços. Foi levada para a mesma casa de banho e quase afogada uma e outra vez. Arrancaram-lhe

as unhas com alicates. Fizeram-me outras coisas terríveis. Quando fui entrevistado a entrevistei, Hélène parou de falar quando chegou a esse ponto e não insisti para que me desse mais pormenores. Fiz uma pausa, enquanto acendia outro cigarro, e reparei na sua manicure cuidada.

Quando Hélène recomeçou a falar, falou-me de um padre jesuíta. «O padre Alcantara», disse-me, lembrando-me do nome. «Tinha autorização para visitar determinadas prisões. Certo dia, deu-me um pequeno embrulho. Foi a etiqueta onde estava escrito o meu nome. Era a letra da minha mãe. Foi então que chorei.»

Quando Hélène viu o embrulho, os seus joelhos cederam e começou a soluçar. Era a primeira vez que chorava desde que fora presa. Para manter a coragem, para não ceder à tortura, evitara pensar nas pessoas que amava, na família. O embrulho significava que a sua família sabia o que ela andava a fazer nas costas deles. Sentiu uma pontada de culpa por lhes causar sofrimento e uma terrível saudade de ouvir a voz da mãe.

O guarda alemão responsável pela cela de Hélène era da Alsácia e tinha mais ou menos a mesma idade que ela. Como Hélène, falava alemão na perfeição, conversavam de vez em quando. O guarda sentia-se chocado pelo que a Gestapo fazia a Hélène. Conhecia os serviços secretos, e os seus olhos ficavam marejados quando via Hélène regressar à cela numa maca, ensanguentada e maltratada. Murmurava-me incentivos pelo postigo da porta da cela, que Hélène mal ouvia no seu estado semiconsciente. Disse-me que devia simplesmente dizer-lhes o que eles queriam saber e que, depois, a deixariam em paz. Disse-me que desejava que ela não fosse tão corajosa. Certa vez, trouxe-me um quilo de manteiga. Hélène ficou-me grata, mas era uma coisa estranha para ter escondida na cela. Não fazia ideia do que fazer com a manteiga, onde a esconder. Não tinha nada para comer a que pudesse juntar manteiga. Mais tarde, o guarda levou-me açúcar, uma oferta muito mais prática.

Levou uma breve carta que H el ene escrevera   família e enviou-a para o padrinho dela. H el ene sabia que, desse modo, a carta não seria ligada a ela. O jovem soldado alsaciano deve ter guardado o endereço, porque, mais tarde, depois da guerra, procurou H el ene contactando o padrinho dela. Queria saber se ela tinha sobrevivido e como estava. Contudo, nessa altura, já tinham acontecido muitas coisas piores a H el ene, e ela já não era a rapariga relativamente inocente que ele vigiara na cela da prisão de Angers. H el ene escreveu-lhe, dizendo que sim, que sobrevivera, mas nada mais. Acabou-lhe que nunca mais voltasse a contact a.

Na prisão de Angers não lhe era permitido ter nada na cela, e o facto de estar completamente sozinha, sem livros, papel ou revistas, fez que H el ene sentisse que estava a enlouquecer. Implorou ao guarda que lhe trouxesse um lápiz, que usava para resolver problemas matemáticos nas paredes brancas da cela. Quando lhe perguntei que tipo de problemas resolvia, H el ene escreveu uma equa o num pedaço de papel.

$$\int_{-\infty}^{\infty} dx e^{-ax^2} = \sqrt{\frac{\pi}{a}}$$

Mostrei essa equa o   minha irmã Annie, que   matemática, e perguntei-lhe o que H el ene fizera. Annie respondeu-me o seguinte: «Estava a calcular o integral de Gauss», que envolve e e π . Annie explicou-me que e e π são chamados «números transcendententes». Os números transcendententes, tal como os números imaginários, existem fora da matemática comum. Na história da matemática, o conceito de números imaginários foi causa de grande ansiedade e dramatismo ao longo das eras,   medida que diferentes matemáticos descobriam gradualmente a sua necessidade. No início do século XIX, um jovem matemático francês de temperamento explosivo, chamado  variste Galois, foi expulso da  cole Normale

devido a atividades políticas. Embora se reconhecesse que Galois era promissor, as suas ideias matemáticas eram demasiado radicais para serem aceites pelo *establishment*. Escreveu cartas febris na noite antes de morrer num duelo, com algumas anotações nas margens das provas que envolviam números transcendententes e imaginários. Galois reconhecia que havia alguns problemas que não podem ser resolvidos apenas com os números concretos do nosso dia a dia. As suas últimas palavras, ditas ao irmão, foram: «Não chores, Alfred! Preciso de toda a minha força para morrer aos 20 anos.»

Na sua cela, aos 24 anos, Hélène estava a reunir forças para morrer. Trabalhou em vários problemas matemáticos clássicos, mostrando que é impossível fazer a trisseção de um ângulo ou a quadratura de um círculo usando apenas um esquadro e um compasso. Existem números que não podem ser construídos.

Mais tarde, quando Hélène foi levada para o campo de concentração de Ravensbrück, encontrou-a com a sua amiga Zaza, com quem frequentara o *lycée*. Agarraram-se uma à outra nos chuveiros, temendo que os rumores fossem verdadeiros e que os minúsculos orifícios no teto libertassem um gás que não tardaria a matá-las. Contudo, em vez disso, ficaram ensopadas com água gelada. Foram-lhes atribuídos números. Hélène tornou-se a prisioneira número 43209, enquanto Zaza se tornou a número 43203. As prisioneiras eram sujeitas a chamadas intermináveis *appells* onde eram contadas uma e outra vez. As pessoas transformavam-se em números e depois em nada.

A minha irmã diz que não só os números reais são infinitos como também tem de haver uma quantidade infinita de números transcendententes. Mas apenas conhecemos alguns. Annie pensa que isto pode dever-se à obsessão humana com ferramentas: o esquadro e o compasso limitaram a nossa imaginação. O nosso raciocínio limita o nosso entendimento.

Enquanto escrevo esta história, pergunto-me se a linguagem também limitará o nosso raciocínio. As famílias que entrevistei,

os descendentes das nove mulheres que escaparam naquele dia na Alemanha, diriam a mesma coisa que as suas mães ou avós ou tias se sentiam incapazes de descrever plenamente aquilo por que tinham passado. Havia um limite para o que podiam dizer — as suas histórias eram apenas contadas pela metade, se é que eram sequer contadas.

Na prisão de Angers, em junho de 1944, ouvia-se o som de bombardeamentos ao longe. Os Aliados estavam a desembarcar nas praias da Normandia. O jovem guarda alsaciano de Hélène disse-lhe o seguinte: «Amanhã, tu serás livre, e eu serei o prisioneiro.»

Hélène permitiu-se ter esperança. Mas depois ficava o dia inteiro sentada na cela, com os braços a abraçar as pernas e o queixo apoiado nos joelhos, a olhar para as complexas equações, a sua tentativa de transcendência. Lá fora, no pátio da prisão, em intervalos regulares, o som dissonante de disparos sequenciais quebrava-lhe a atenção, enquanto os guardas alemães fuzilavam sistematicamente todos os prisioneiros do sexo masculino. Hélène disse a si mesma para se preparar para o pior.

Nessa noite, já tarde, talvez exaustos da matança, os mesmos guardas alemães colocaram as poucas mulheres que restavam em comboios que se dirigiam para Romainville, o campo de trânsito situado nos arredores de Paris.

Algumas das mulheres tinham preparado pequenos pedaços de papel chamados *papillons* — borboletas — com notas breves e o endereço das famílias. Enquanto percorriam Paris, atiravam os pedaços de papel pelas fendas existentes nos vãos. Por vezes, estes últimos bilhetes eram apanhados por pessoas corajosas e enviados para as famílias das mulheres. Era frequente estes papelinhos serem o último vestígio de filhas, irmãs e mães.

No campo de Romainville, Hélène lembra-se de ver uma mulher morrer enquanto ela estava deitada no chão de terra. Supostamente, a mulher apanhara sífilis e tinha infetado alguns soldados alemães, pelo que fora deixada para morrer sozinha, à frente de todos.

Hélène não se lembrava do que fizera durante esses dias, sentada no chão e rodeada de arame farpado. Ela tinha apenas uma vaga memória de uma espera interminável. Refugiara-se dentro de si mesma. Não iria permitir que nenhum sentimento enfraquecesse a sua determinação de sobreviver. Uma espécie de vazio insensível apoderou-se dela, enquanto tentava adaptar-se à sua nova realidade. Estava calor e havia muita poeira. As mulheres foram colocadas em grandes recintos sem sombra nem abrigo. As pessoas ficavam sentadas numa tristeza silenciosa, a olhar para o infinito. Ouvia-se o zumbir de moscas e gemidos baixos, mas nada que se assemelhasse a linguagem. Sentiam-se os cheiros de carne a apodrecer, morte, excrementos humanos, imundície, suor e medo.

Passados vários dias, Hélène não sabia quantos, foi levada para um vagão de comboio cheio de gente, que antes servira para transportar gado. Começou a viagem para a leste, em direção à Alemanha, rumo ao campo de concentração de Ravensbrück, situado 90 quilômetros a norte de Berlim.

A minha família sabia que a tia Hélène recebera condecorações importantes. Era Oficial da Legião de Honra, que é considerada uma das condecorações francesas mais prestigiadas, sobretudo porque o grau de oficial raramente foi atribuído a uma mulher na sua geração. Recebeu igualmente a Cruz de Guerra, atribuída por atos de especial coragem durante a guerra, bem como a Medalha da Resistência Francesa e a Medalha da França Livre, pelo seu trabalho na Resistência. A família orgulhava-se de Hélène, mas ela raramente falava do seu passado. Tal como aconteceu com muitas famílias depois da guerra, as pessoas queriam deixar para trás esses dias sombrios. Considerava-se que o melhor para todos era esquecer o passado. Não falar sobre ele. Não recordar as trevas. As pessoas também sofriam do sentimento de culpa do sobrevivente, além de lapsos de memória provocados pelos traumas, pela maneira

inenarrável como algumas pessoas se haviam comportado. Hélène queria poupar a família aos pormenores tenebrosos. E quem não tivesse vivido a guerra não podia realmente imaginá-la. Foi preciso tempo — foi preciso que a geração que não havia vivido a guerra começasse a fazer perguntas. Em 2002, durante um almoço com a minha avó, Hélène contou-me como escapara aos nazis com mais oito mulheres. Verple-la, perguntei-lhe se podia gravar uma entrevista com ela para saber a história completa.

Eu e a minha tia Eva viajámos até ao apartamento de Hélène, num bairro muito agradável perto de Neuilly, na periferia de Paris. As divisões eram pequenas e estavam repletas de fotografias e de livros. Hélène tinha o cabelo muito bem arranjado e vestia um saia-casaco *Chanel*. Tomámos chá. No entanto, depois de eu lhe ter agradecido por nos deixar gravar a sua história, a primeira coisa que Hélène me perguntou foi: «Para quê?»

«É importante», respondi-lhe, sentindo-me subitamente embaraçada por ser tão jovem, pelo meu entusiasmo descontraído de americana e pela minha vida relativamente confortável.

«Esta história conta apenas o destino de alguns seres humanos, entre muitos outros que se esforçam por viver com dignidade, apesar da possível degradação, apesar dos esforços dos nazis que tentaram destruí-los», disse-me Hélène. Era como se tivesse ensaiado esta frase, como se a tivesse preparado de antemão.

Perguntei-lhe porque é que aderira à Resistência.

«Por causa do horror do nazismo e de todos os regimes totalitários», respondeu-me.

Perguntei-lhe se tivera medo, e disse-me que não. Sentira-se feliz, mesmo conhecendo os riscos, porque estava a ajudar a lutar pelo seu país.

Perguntou a si mesma, em voz alta, se não seria inútil desenterrar todas estas velhas memórias. Perguntei a mim mesma se estaria a ser indelicada ao fazer perguntas e forcei-a a recordar coisas que talvez quisesse esquecer. Hélène disse-me que preferia não falar

do passado, apesar de, como admitiu, pensar constantemente na guerra, todos os dias, sem exceção. Não podia dizer-me que era assombrada pela guerra e que a sua vida, depois dela, fora profundamente influenciada pelo que lhe acontecera nessa altura.

À medida que as horas foram passando, Hélène ficou mais confortável com a narração. Resumi, vagamente, que tínhamos muito mais sobre que conversar e que, com o tempo, ela me contaria os pormenores. Fui-me embora pensando que Hélène se sentira bem por falar e que talvez apenas sentisse um pouco de arrependimento por se ter aberto comigo. Contudo, não sei se devido à reticência de Hélène ou à minha hesitação, nunca mais voltámos a falar do passado.

Posteriormente, quando comecei a escrever a história de Hélène e a investigar a história da nossa família, senti que estava a quebrar um tabu. As vozes na minha cabeça diziam-me que aquilo não me dizia respeito que devia ter vergonha por estar a explorar a história dela. Que devia deixar o passado descansar em paz. Mas o passado é impaciente. A história, tal como a memória individual, não é fixa. Está constantemente a ser revivida.

Dois anos depois da minha entrevista a Hélène, encontrei casualmente o livro de Suzanne Maudet, *Neuf filles jeunes qui ne voulaient pas mourir* (Nove raparigas que não queriam morrer). Zaza era amiga de Hélène. Registou as suas memórias logo nos meses depois de terem escapado, mas o seu manuscrito só foi publicado em 2004, dez anos depois da sua morte.³ Os pormenores constantes do livro de Zaza levaram-me a encontrar outro relato, escrito por Nicole Clarence para a revista *Elle*, em 1964, no vigésimo aniversário da sua deportação. Com base nesse artigo, descobri algumas entrevistas radiofónicas que haviam sido dadas por Nicole.⁴ E, imediatamente antes da morte de Hélène, em 2012, duas cineastas holandesas, Ange Wieberdink e Jetske Spanjer, realizaram um documentário chamado *Intsnapt* (Lugidas) no qual Hélène se reencontra com Lon Jørstijnen, outro membro do

grupo das nove.⁵ O documentário baseia-se, em grande medida, no livro de Lon, *ijn orlogsronie* (A minha crónica de guerra). Alguns anos depois, o filho de Guigui, Marc Spijker, enviou-me a tradução para inglês feita por Lon do seu próprio livro, que partilhara com a mãe de Marc.

Coletivamente, Hélène, Zaza, Nicole e Lon contam uma história de amizade, de incrível coragem e de sobrevivência. Os relatos divergem em alguns pormenores, mas convergem nos pontos mais importantes. Há grandes lacunas — nunca saberei se são omissões propositadas ou lapsos de memória. Quando comecei, apenas sabia as alcunhas de oito das nove mulheres — além de Christine — minha tia-avó Hélène — chamavam-se Zaza, Lon, Guigui, Zinka, Josée, Mena, Nicole e Jacky. Todas eram prisioneiras políticas. Mas tarde, viria a saber que o pai de Hélène era judeu e que Nicole vinha de uma família judia, embora nenhuma das duas mulheres falasse do facto de serem judias e, provavelmente, não se identificassem como tal. E, caso isso acontecesse, mantiveram-no escondido dos alemães. Por muito mau que fosse ser prisioneiro nos campos de concentração, era muito pior ser um prisioneiro judeu.



Mulheres em filas de cinco

Quando era novo, o pai de Hélène, que era russo, trabalhou como professor de Matemática na Lituânia antes de se mudar para Heidelberg para continuar os estudos. Seguidamente, foi para França para frequentar a Sorbonne. A mãe de Hélène era uma de apenas duas mulheres que, nessa altura, frequentavam a Sorbonne. Martine era uma rapariga camponesa da região de Lot, cujo pai era um importante vinicultor. O facto de o padre usar o vinho por eles produzido na missa de domingo era motivo de orgulho para a família. Martine fora criada numa família católica devota e educada por freiras. Nunca podia ficar nua, nem mesmo para tomar banho. Mas devia ser invulgarmente inteligente, porque, depois de ter feito os exames do liceu, as freiras sugeriram que continuasse os estudos — algo virtualmente inédito na altura, quando se pensava que demasiada educação arruinaria as hipóteses de casamento de uma rapariga respeitável. Surpreendentemente, os pais concordaram em deixá-la ir para Paris estudar Física. O pai de Hélène, que também era um músico talentoso e que abdicara de uma carreira numa orquestra sinfónica, estava a trabalhar no âmbito da física atómica. Conheceram-se na universidade e, seis meses depois do casamento apressado, Hélène nasceu.

A brilhante Martine foi obrigada a abdicar dos estudos. Talvez esta inteligência frustrada tenha sido a causa da complicada relação entre mãe e filha. E de qualquer modo, Hélène identificava-se com o pai. Sete e oito anos depois nasceram mais duas filhas. Entre Hélène e as irmãs, que eram muito mais novas, havia um ressentimento de longa data. Hélène foi obrigada a cuidar delas, e, claramente, o pai amava-a mais do que às outras duas filhas. Quando a família soube que Hélène fora deportada para a Alemanha, o pai ficou desesperado. Certa noite, ao jantar, uma das filhas mais novas fez-lhe uma pergunta e, quando ele não respondeu, Martine disse-lhe: «Não respondes à tua filha».

Ao que ele respondeu: «Só tenho uma filha, e está na Alemanha.»⁶

As três irmãs, Hélène era a intelectual. Tinha uma lista impressionante de diplomas de Engenharia e Matemática. Tinha um dom para as línguas e falava várias fluentemente, incluindo polaco, alemão, inglês e russo. Foi a sua facilidade para as línguas, o seu raciocínio rápido em momentos de perigo e o seu calmo sentido de diplomacia que fizeram dela uma líder natural em Ravensbrück. Posteriormente, Nicole recordaria Hélène como o « pilar » do grupo.

Durante cinco dias, Hélène viajou num vagão sobrelotado de transporte de gado, com pouca ou nenhuma água, comida, luz, ar ou sítio onde fazer as necessidades. Estava num transporte com duzentas prisioneiras políticas cuja maioria era francesa — *les résistantes*. Sobreviveram ao transporte desumano organizando-se e mantendo-se de pé e deitadas por turnos. As mais doentes eram colocadas mais perto da pequena janela, onde havia ar fresco. Mantinham o ânimo cantando «A Marselhesa» e outras canções.

Hélène não fazia ideia de onde estavam quando o comboio fez a sua paragem final na estação de Fürstenberg, a localidade mais próxima do campo de concentração de Ravensbrück. A pequena cidade e o campo de concentração situavam-se em lados opostos de um lago. A zona, próxima do mar Báltico, é assolada por ventos gelados e conhecida localmente como «Pequena Sibéria».

Chegaram de noite a plataforma estava fortemente iluminada por holofotes e vigiada por oficiais das SS e guardas do sexo feminino conhecidas pelo nome de *Musseherinnen*, as quais seguravam as trelas de pastores alemães que saltavam e ladravam furiosamente. As prisioneiras tiveram de saltar do vagão para a plataforma, e algumas das mulheres mais velhas caíram mal, torcendo um tornozelo ou magoando um joelho. Os guardas empurravam-nas, e, no caos, as mulheres tropeçavam umas nas outras. As *Musseherinnen* batiam-nas com chicotes e gritavam em

alemão. Se alguém ainda tivesse bagagem, esta era-lhes retirada e atirada para as traseiras de um camião.

Os cadáveres daquelas que tinham morrido durante o percurso tiveram de ser colocados noutra camião, enquanto os guardas alemães gritavam: «*Schnell raus!*»

Formaram-se duas colunas: as mulheres que ainda tinham forças para marchar e aquelas que mal conseguiam manter-se em pé. As mais fracas eram convidadas a ir no camião, com a bagagem. Algumas filhas incentivaram as mães, exaustas, a entrar para o camião. Não tinham maneira de saber que estavam a participar na primeira seleção para o crematório e que nunca mais tornariam a vê-las.

«*Uhnft!*», gritavam os guardas, pontapeando as mulheres, enquanto estas se esforçavam por perceber o que lhes estava a ser exigido.

«Querem que formemos filas de cinco», murmurou Hélène num tom insistente.

«Filas de cinco», ouviu repetido em francês, a ecoar pela multidão.

Marcharam da estação ferroviária para o campo de concentração, que ficava a aproximadamente quatro quilómetros. No dia 14 de junho de 1944, quando Hélène chegou ao campo, este estava coberto de lama e tresandava a carne a apodrecer, excrementos humanos, fumo denso, encontrando-se cheio de cinzas proveniente do crematório.

Hélène tinha «um rosto inesquecível, e, no meio daquela multidão, reconheci-a imediatamente», escreveu Zaza, recordando a chegada ao campo de concentração e como reconheceu a amiga de escola entre todas aquelas mulheres.⁷ Em muitos aspetos, Zaza era o oposto de Hélène, era a poetisa que reparava na cor do céu, enquanto as outras apenas pensavam na fome que sentiam.

Enquanto H el ene conseguia ser fria e calculista, Zaza era calorosa e aberta. Resa aos 22 anos, era uma otimista, com sentido de humor e um amor imenso pela vida. Era sempre paciente e amiga de toda a gente, mas era mais pr oxima de H el ene, sendo a única pessoa que esta última deixava transpor a sua reserva. Esde que chegaram a Ravensbrück, H el ene e Zaza mantiveram-se unidas. Enquanto H el ene planeava incessantemente a fuga, Zaza era mais passiva. Sendo uma pessoa que confiava nas outras por natureza, esperava para ver o que aconteceria.

Ravensbrück, que esteve em funcionamento de 1939 a 1945, era o único campo de concentra o alemão construido exclusivamente para mulheres. A maior parte das prisioneiras, como as nove, passou por Ravensbrück a caminho de um das centenas de campos de trabalho escravo ou de extermínio. Contudo, muitas foram assassinadas em Ravensbrück. A maioria dos registos do campo foi queimada pelos nazis nas últimas semanas da guerra. Contudo, graças a historiadores e a antigas prisioneiras, como Germaine Tillion, uma etn loga que conseguiu tomar notas pormenorizadas durante os meses finais, foram recolhidas muitas provas sobre Ravensbrück.

Aproximadamente 123 mil mulheres e crianças passaram pelo campo, além de 20 mil homens. Ravensbrück tinha quarenta campos-sat elite, um campo masculino de menores dimensões, o campo da fábrica da Siemens e o chamado Campo da Juventude de  ckermark, que, na realidade, era um campo de extermínio. As estimativas do número de mortes em Ravensbrück variam entre 30 mil e 90 mil. A  ndaa o Francesa para a Memória da Deporta o calcula que tenham morrido aproximadamente 40 mil pessoas em Ravensbrück, mas   difícil saber ao certo. A maior parte das mulheres que chegou ao campo nos últimos e caóticos meses da guerra nunca foi registada. E o número de mulheres «enviado» para ser gaseado em unidades móveis não foi contabilizado.uma estimativa indica que cinco a seis mil mulheres

foram mortas em câmaras de gás provisórias.⁸ As mortes em todos os subcampos também não foram contabilizadas. Além disso, há também os bebês, assassinados à nascença ou mortos à fome depois de nascer, que não foram incluídos nesta contagem oficial. As mulheres que morreram nas marchas da morte também não foram contabilizadas.

Em última análise, os sobreviventes consideram que os nomes são mais importantes do que os números.⁹ Mas os números dão uma ideia da enormidade do sofrimento. Em junho de 1944, quando sete das nove mulheres do grupo de Hélène estavam em Ravensbrück, o campo, que tinha sido construído para albergar três mil prisioneiras, tinha 30 849.¹⁰ As chamadas matinais duravam três ou quatro horas, durante as quais as prisioneiras eram obrigadas a manter-se em pé para serem contadas. A situação no campo chegara a proporções infernais com a sobrelotação e a falta de recursos básicos.

Depois de marcharem até ao campo, as mulheres foram levadas da primeira para o *Erntekammer*, ou armazém, onde lhes foi ordenado que se despissem completamente. Depois, foi-lhes ordenado que pusessem as roupas dentro de grandes sacos de papel pardo. Quando entregavam os sacos às guardas, os seus números eram anotados, e os sacos atirados para um monte. Os pertences pessoais mais pequenos, como joias e dinheiro, quando os tinham, também eram entregues. Com o pendor nazi para manter registos, estes artigos eram cuidadosamente anotados. Depois de solicitar os registos nazis referentes a Hélène, em 2018, recebi muitos documentos do Serviço Internacional de Rastreamento, em Bad Arolsen, incluindo algumas páginas desses registos de pertences pessoais. Li que Zaza entregara a aliança de casamento e cinco francos. Hélène entregara uma pulseira, um relógio e 70 centavos.

Raparam as cabeças das mulheres. Tinham de ficar em pé, de pernas abertas, enquanto alguém lhes rapava os pelos púbicos

com tal brutalidade que ficavam com cortes e feridas abertas que podiam infetar facilmente.

Foram empurradas para os chuveiros. Quando chegaram à divisão com orifícios no teto, Zaza agarrou a mão de Hélène. Olhando para cima, perguntou-lhe: «O que achas que vai sair dali? Gás ou água?»

Depois da violência dos chuveiros, que as deixara ensopadas, as mulheres foram para a divisão seguinte, onde lhes foram distribuídas roupas. Por essa altura, as autoridades do campo já não tinham fardas de prisão às riscas. Consequentemente, eram dadas às recém-chegadas roupas de mulheres que haviam morrido. Todas as semanas chegavam ao campo camiónes vindos de Auschwitz com roupas dos judeus que tinham sido exterminados nesse local.¹¹ As roupas eram distribuídas aleatoriamente — uma mulher podia receber um vestido de noite de uma dançarina de boate ou o pijama de uma rapariga em idade escolar —, consequentemente, quando emergiam deste suplício, as mulheres tinham um aspeto grotesco. Contudo, nesse momento destinado a humilhá-las e a rebaiá-las, as mulheres conseguiam rir-se de si mesmas e umas das outras. Lise London, uma das *résistantes* do mesmo transporte, recordou esse momento nas suas memórias e, citando Rabelais, escreveu o seguinte: «*Le rire est bien le propre de l'homme*» — O riso é próprio do homem.¹² Com gargalhadas e canções, agarraram-se à sua humanidade e ripostariam.

O grupo das francesas foi mandado para um bloco de quarentena, onde já estavam cerca de 400 prisioneiras. Os oficiais alemães, aterrorizados com a transmissão de doenças e de germes, eram rigorosos no que respeitava a pôr as prisioneiras recém-chegadas de quarentena durante as primeiras semanas. O bloco onde estavam também alojava aquelas a que os alemães chamavam *asocial* ou antissociais — prostitutas, lésbicas, Sinti e Roma — chamadas *zigeuner* ou «ciganas» — e criminosas comuns.

Metade do enorme bloco era uma zona aberta com mesas, e a outra metade era ocupada por beliches de madeira com quatro

níveis de altura. Hélène e Zaza conseguiram encontrar um sítio para ficarem juntas num beliche superior. Hélène esperava que, daí, conseguissem vigiar tudo o que se passava.

Hélène recordou que, enquanto estiveram em quarentena, passaram os dias a desfazer pilhas de uniformes alemães. Tinham de tirar os botões, desfazer as costuras e organizar os tecidos. Todos os uniformes tinham manchas de sangue, e a maior parte tinha buracos de balas. Eram os uniformes de soldados alemães que haviam morrido na Frente Oriental. Por vezes, as mulheres encontravam nos bolsos uma carta que não tinha sido enviada. Ao ler as cartas dos soldados, Hélène deu-se conta do desânimo das tropas no Leste.

Uma semana depois, a 23 de junho, chegou ao campo outro transporte no qual vinham duas amigas da Holanda: Lon, com 28 anos, e Guigui, com 25. Em 1944, ambas haviam abandonado os estudos em Leiden para se juntarem à Resistência em Paris.

Atlética e elegante, Guigui tinha cabelo castanho liso, cortado à pajem abaixo do queixo e com franja a tapar a testa. O seu rosto oval era agraciado por uns olhos cinzentos e serenos. Tinha o ar modesto e pacífico de uma *adonna*. No caos do bloco, mantinha uma calma displicente e tranquilizadora.

Lon era o oposto. As palavras voavam-lhe da boca numa combinação das seis línguas que falava. Era corajosa e de raciocínio rápido, atirando-se de cabeça para situações em que pessoas mais cautelosas teriam hesitado. Vibrante e extrovertida, com um corpo robusto e compacto e um riso sonoro, fazia amigos entre pessoas de diferentes nacionalidades. Lon podia ser mandona e dominante, mas a sua coragem salvaria as nove em mais de uma ocasião.

Certo dia, quando estavam numa das intermináveis chamadas, Hélène murmurou para Lon: «Em que estás a pensar?»

Ao que Lon respondeu: «Estou a pensar que, há seis meses, o meu namorado quis fazer amor comigo e recusei. Estou arrependida.»¹³

Lon recordava ter sido visitada por outra prisioneira holandesa quando estava de quarentena. «A única nota alegre veio da Sabine, uma rapariga holandesa que tinha vivido perto de casa dos meus pais, em Haia. Várias vezes, sem se deixar abalar, veio bater à nossa janela para conversar. É claro que, com a mesma regularidade, era mandada embora, mas continuava impávida e insistia em voltar uma e outra vez. Estas pequenas conversas apressadas eram preciosas para nós as duas, e recordávamos o nosso bairro com alguma tristeza.»¹⁴

Sabine informava Lon sobre quem estava no campo. Havia um grupo de prisioneiras políticas francesas que já não estavam em quarentena, e Zaza ouviu dizer que a sua amiga Zinka, de Xresnes, estava entre elas.

No grupo das nove, Zaza e Zinka eram as únicas que eram casadas. Zaza casara-se apenas um mês antes de ser presa, e Zinka, nove meses antes da detenção do marido. Os dois homens foram deportados para destinos desconhecidos, o que era fonte de grande ansiedade para as jovens mulheres.

Com 29 anos, Zinka era a mais velha das nove, mas a sua alegria natural fazia-a parecer muito mais nova. Tinha uma bonita cabeleira loura de caracóis apertados, grandes olhos azuis, encantadores «dentes de mentirosa» e um nariz delicado e arrebitado, que a fazia parecer ligeiramente desafiadora. Era imune ao medo. Levantava o queixo e ria-se das ameaças feitas por algumas das forças mais violentas do campo. «Quando outras prisioneiras repetiam boatos desanimadores, Zinka encolhia os ombros e repreendia-as com isso, suas *bobards* pessimistas.» Era minúscula. Tinha pés tão pequenos que as socas de madeira que lhe deram eram como grandes barcos, que lhe faziam bolhas e feridas. Mas inspirava as outras com a sua força de vontade férrea. A pequena Zinka era aquela que tentava sempre levar a carga mais pesada ou fazer o pior trabalho, de tal maneira que as amigas inventavam estratégias elaboradas para frustrar essas tentativas.

Hélène soube, através da amiga holandesa de Lon, que a sua amiga Geneviève de Gaulle estava no campo. Geneviève era sobrinha de Charles de Gaulle. Em 1943, embora muitas pessoas tivessem ouvido a voz deste desconhecido general na rádio, a dizer-lhes que resistissem, não tinham a certeza de quem ele era. Geneviève escrevera dois artigos sobre o tio, usando o pseudónimo de «Gallia» para o jornal clandestino da Resistência, o *Défense*. Os seus artigos haviam ajudado a tranquilizar as pessoas da Resistência sobre este líder aparentemente automeado que estava em Londres.¹⁵

Hélène quis encontrar-se com Geneviève, para descobrir se havia um grupo organizado da Resistência no campo. Contudo, para isso, precisava de sair da quarentena. As mulheres tinham a sorte de ter uma *blocovoa* amistosa. As *blocovas* eram as prisioneiras sobretudo polacas que dirigiam cada bloco e que eram responsáveis por vigiar as prisioneiras. Algumas *blocovas* usavam os seus privilégios para ajudar e resistir. Outras aplicavam-nos para enriquecer. Algumas eram piores do que os alemães. Contudo, a *blocova* das nove, Hilda Synkova, uma checoslovaca comunista, ensinou as regras às prisioneiras francesas. Certo domingo, Hélène perguntou a Hilda se podia sair para ir procurar a sua amiga Geneviève, e a *blocova* acedeu.

O campo de concentração era enorme, com compridas ruas com blocos de madeira de ambos os lados, formando uma grelha brutalmente geométrica. Hélène contou mal os blocos, virou no sítio errado e perdeu-se no labirinto. Tudo lhe parecia igual, cinzento e enlameado. Nas tardes de sábado, as prisioneiras ficavam no interior dos blocos quando isso lhes era permitido. Era a única folga que tinham durante a semana. Só as judias, as Testemunhas de Jeová e as mulheres a quem fora dado um castigo adicional eram obrigadas a trabalhar. No meio do calor e dos odores pútridos, o campo parecia não ter vida. Sentindo-se subitamente desorientada, Hélène entrou em pânico e dobrou uma esquina demasiado

depressa, dando de caras com dois guardas das SS, que sorriram quando a viram. Um deles era corpulento, um pouco mais gordo do que a maioria das pessoas, numa altura em que era tão difícil encontrar comida. O comparsa era magricela e conítilo, com olhos cruéis. O mais corpulento falou, enquanto o mais pequeno se ria.

Hélène ficou nervosa. Nunca mais voltaria a ser apanhada tão desprevenida, mas, nesse momento, foi incapaz de inventar uma razão para estar onde estava ou qualquer desculpa para se defender. Cada um dos homens agarrou-a por um braço.

«Vamos ter de te ajudar a encontrar o teu caminho, não é», disse-lhe o gordo. O pequeno riu-se enquanto a arrastavam para uma pequena guarita.

Empurraram-na contra uma parede. Hélène sentiu as ásperas tábuas de madeira bater-lhe nas costas. Tentou refugiar-se naquele sítio da sua mente onde encontrara uma espécie de refúgio em Angers, durante as sessões de tortura. Mas conseguia sentir o cheiro acre do suor dos homens, enquanto diziam piadas sobre o que podiam fazer para a «ajudar».

Hélène queria fechar os olhos, mas aprendera que isso era um sinal de fraqueza e que a fraqueza encorajava os agressores. Obrigou-se a fixar o maior nos olhos. O homem pegou num alicate e abanhou-o em frente do rosto dela. «Vamos puxá-la bonita», disse. Inclinou-se para mais perto do ouvido de Hélène para lhe murmurar: «Assim vais ficar mais bonita.»¹⁶

Ele depois rosou «Abre a boca» e usou os dedos grossos para lhe abrir a boca.

Hélène sentiu o sabor oleoso e metálico do alicate contra a língua, enquanto o guarda o revirava na boca dela e depois escolhia um dos molares. Hélène sentiu a ponta do alicate apertar-lhe o dente. «Segura-te», ordenou o homem ao outro. Ele depois, apercebeu-se dos braços suados do homem mais baixo quando este a agarrou e a empurrou para o chão, enquanto o outro lhe

arrancava o dente, e sentiu a dor aguda da raiz a ser arrancada, como se fossem faíscas, seguida de um jorro quente quando a boca se encheu de sangue. Hélène sentiu-se dominada por suores frios e náuseas, mas forçou-se a engolir o sangue.

«Liz, está bem? Muito melhor.» O guarda segurou o dente com a raiz ensanguentada diante do rosto dela. Hélène percebeu que ainda não ficara satisfeito — os da laia dele nunca ficavam. Mas, felizmente, foram interrompidos pelo som de sinos a anunciar a hora seguinte do regime regrado. Hélène viu os guardas perceberem que tinham coisas para fazer, uma rotina que tinha de ser cumprida. Relutantemente, empurraram-na para a rua. Hélène cambaleou, cuspidando sangue para o chão, e, milagrosamente, encontrou o caminho de volta à relativa segurança na companhia das amigas, no bloco de quarentena.



**O EMOCIONANTE RELATO DA OUSADA FUGA,
DE REGRESSO A CASA, DE NOVE JOVENS MULHERES
CAPTURADAS PELOS NAZIS**

À medida que a Segunda Guerra Mundial assolava a Europa e o regime nazi aumentava o seu reinado de terror e opressão, nove mulheres, algumas mal saídas da adolescência, juntaram-se aos movimentos de Resistência nos seus países. Quando apanhadas em ação, foram torturadas e enviadas para o campo de concentração de Ravensbrück, onde formaram uma sólida amizade.

Em 1945, a guerra voltou-se contra Hitler e as mulheres foram obrigadas a juntarem-se à Marcha da Morte. Determinadas a sobreviver, aproveitaram uma oportunidade para dar início a uma espetacular fuga de dez dias por território ocupado, ao encontro dos Aliados e da liberdade.

Gwen Strauss, sobrinha-neta de uma dessas nove mulheres, traz-nos o resultado de anos de investigação, num relato cativante e tantas vezes doloroso. Mais do que descrever a espantosa epopeia, a autora revela também a história de cada uma dessas mulheres, antes e depois da travessia por território inimigo, dando a conhecer ao mundo a impressionante vida de nove corajosas sobreviventes.

«Uma irresistível e bonita história de resiliência,
amizade e sobrevivência.»

Heather Morris, autora de *O Tatuador de Auschwitz*



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt
penguinlivros

ISBN 9789897870675



9 789897 870675 >